

## O literário revela sua amplitude: uma leitura de *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury

Igor Paulo Rodrigues Pereira<sup>1</sup>

Jeferson Sousa Cavalcante<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como finalidade mostrar a forma pela qual na obra *Fahrenheit 451* (2012), de Ray Bradbury, o narrador busca através da própria literatura dar uma noção ao leitor sobre o funcionamento e a profundidade da mesma, a forma como ela influencia o leitor e o conhecimento que ela proporciona. De início faremos uma breve apresentação sobre o enredo da obra e buscaremos comprovar nossa leitura a partir da relação obra e teoria, buscando sempre argumentar sobre o que fora dito. Partiremos da relação de Guy Montag, protagonista da obra, no que se diz respeito à sua relação com os livros e como estes influenciaram sua mudança no decorrer da narrativa. Para nos embasarmos teoricamente, utilizaremos Antoine Compagnon (2001), Carlos Eduardo Ornelas Berriel (2005), Gilles Deleuze (1997), Jean-Paul Sartre (2004) e Jonathan Culler (1999).

**Palavras-chave:** Autor; Guy Montag; Leitor; Literatura; Narrador; Personagem.

**Abstract:** This article aims to show how in the novel *Fahrenheit 451* (2012), by Ray Bradbury, the narrator seeks, through literature itself, to give a notion to the reader about the functioning and the depth of the same, how it influences the reader and the knowledge it provides. At the beginning we make a brief presentation of the plot of the work and we try to prove our reading from the relation between work and theory, always trying to argue about what was said. We start from the relationship of Guy Montag, the protagonist, regarding his relationship with books and how they influenced his change in the course of the narrative. To base ourselves theoretically, we use Antoine Compagnon (2001), Carlos Eduardo Ornelas Berriel (2005), Gilles Deleuze (1997), Jean-Paul Sartre (2004) e Jonathan Culler (1999).

**Keywords:** Author; Guy Montag; Reader; Literature; Narrator; Character.

---

1 Graduando do quarto semestre do curso de letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus universitário de Pontes e Lacerda. E-mail: igor\_paulo\_26@hotmail.com

2 Graduando do quarto semestre do curso de letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus universitário de Pontes e Lacerda. E-mail: jeferson.amofelicidade@hotmail.com

Este artigo tem como objetivo tratarmos na obra *Fahrenheit 451* (2012), de Ray Bradbury, a forma pela qual o narrador busca através da própria literatura dar uma noção ao leitor o funcionamento e a profundidade da mesma, a forma como ela influencia o leitor e o conhecimento que proporciona. Ele busca tratar isto não por uma crítica, mas na própria obra, pois a sua crítica está nela. Especificamente, faremos esta análise relacionando com o que os críticos Culler(1999) e Sartre(2004) apontam ser literatura.

A obra apresenta um mundo em que tudo que é literário não é bem visto pela sociedade, uma vez que o governo age como “ditador” de regras, impõe-se sobre os profissionais que agem no meio social, visto, principalmente, no papel dos bombeiros da cidade onde ocorre todo o enredo. Ao invés de atuarem apagando incêndios, vão aos lugares para fazerem o contrário do que deveriam, ou seja, ateam fogo, já que os cidadãos que têm livros em suas casas são males a serem cortados pelas raízes: “todo homem é demente quando pensa que pode enganar o governo e a nós” (BRADBURY, 2012, p. 35). Essa imposição do governo e controle exercido pelos bombeiros reflete na maneira pela qual a sociedade é estruturada, desde as casas serem a prova de combustão até as ações da maioria dos cidadãos.

*Fahrenheit 451* configura-se como uma distopia, pois retrata uma sociedade caótica, já que as pessoas deixam de fazer o que querem para seguirem o modelo social, e as que tentam não o seguir, escondem-se, mostrando, por fim, um modo de agir igual aos outros. As pessoas seguem o mesmo padrão, em que tudo que é novo não é bem visto, alguns repudiam os livros, porque só pelo fato de terem um, os “salva-vidas”, isto é, os bombeiros, incendeiam tudo e, ao fazerem isto, os donos dos livros preferem morrer por não quererem largá-los e acabam por suicidarem-se juntamente com as obras: “a mulher na varanda estendeu a mão com desdém por todos eles e riscou o fósforo na balaustrada” (BRADBURY, 2012, p.39).

Essa configuração se dá, pois “na distopia a realidade não apenas é assumida tal qual é, mas as suas práticas e tendências negativas, desenvolvidas e ampliadas, fornecem o material para a edificação da estrutura de um mundo grotesco” (BERRIEL, 2005, p.4).

No início da narrativa, percebemos que o personagem protagonista Guy Montag é apresentado como um bombeiro que busca respostas, diferente dos outros, sobre o mundo em que vive, pois mesmo que ele seguisse o lema “reduz os livros às cinzas e depois, queime as cinzas” (BRADBURY, 2012, p.18), percebemos, ao longo da narrativa, que ele nunca havia se conformado com tudo aquilo que acontecia em sua sociedade, sempre se questionando a respeito do modo do funcionamento dela. E é, a partir disto, que percebemos a influência da literatura sobre ele, pois mesmo que houvesse toda essa pressão, tanto do governo quanto das

pessoas para que não se lesse ou que as pessoas tivessem acesso a algum tipo de obra, Montag acaba sendo levado pela vontade de conhecer o que o texto literário pode proporcionar, o que há de tão especial nele, a ponto dele ser proibido. Podemos dizer que o personagem estava buscando nas obras a explicação do que realmente elas têm a oferecer, o que realmente são.

No decorrer da obra de Bradbury, percebemos o contato de Montag com a personagem Clarisse McClellan, que tem fundamental importância em relação a ele, pois é ela quem desperta nele sentimentos que antes nunca experimentara. A partir do contato com a menina ele passa a mudar, começa a ser levado a pensar sobre as pequenas coisas da vida, e, juntamente com toda a frustração que tinha antes, leva-o a questionar até mesmo a sua profissão, o porquê de terem que queimar livros e, assim, obras literárias. Pelas ações da garota, percebemos, pelas entrelinhas, pelo não dito, mas subentendido, que ela e sua família têm acesso à literatura, e por isso ela consegue ser tão expressiva, enigmática e, ao mesmo tempo, significativa, fantástica, exigindo que o protagonista busque entendê-la.

Nossa interpretação no que se diz respeito a avaliar o que está por trás das palavras, faz-nos ver com mais clareza o papel da garota como sendo a representação do literário, o que é possível, pois como aponta Gilles Deleuze(1997, p.12) “não há linha recta, nem nas coisas nem na linguagem.” Assim, percebemos que, para Montag, a garota representa uma luz que o guia ao conhecimento, da mesma forma que a literatura. Percebemos isto no seguinte trecho:

Ele se viu nos olhos dela, suspenso em duas gotas cintilantes de água límpida, uma imagem escura e minúscula, em ínfimos detalhes, as linhas ao redor de sua boca, tudo, como se os olhos dela fossem dois pedaços miraculosos de âmbar violeta que pudessem capturá-lo e mantê-lo intacto. O rosto de Clarisse, agora voltado para ele, era um frágil cristal leitoso dotado de uma luz suave e constante. Não era a luz histérica da eletricidade, mas... o quê? A luz estranhamente aconchegante e rara e levemente agradável de uma vela. (BRADBURY, 2012, p.18)

Com isso, notamos que o contato entre Montag e Clarisse representa a relação dele com a literatura, pois notamos que a personagem, assim como o texto literário, possui uma sutilidade em sua maneira de influenciar. Clarisse, como vemos no trecho, consegue capturar e refletir a essência do herói para o seu autoconhecimento. É como se ele estivesse diante da menina e de uma obra literária, e que isso o tocasse interiormente. E que a literatura e o conhecimento que ela tem a oferecer estivessem olhando para ele, suscitando o seu interesse.

Olhando mais a fundo o trecho da citação anterior “Não era a luz histérica da eletricidade, mas... o quê?” (BRADBURY, 2012, p.18), podemos extrair que há a crítica de que a literatura nunca diz tudo. Além de atrair a atenção do herói para decifrá-la, a literatura

faz com que ele tenha a noção de que ela sempre será enigmática, sempre terá mais o que dizer e nunca dirá tudo, assim como Clarisse que despertou o interesse de Montag sobre ela mesma.

Quando Montag, com alguns livros escondidos em sua casa, recebe visitas das amigas de sua mulher, Mildred, percebemos que ele passa a adentrar o mundo literário, começa a entender os sentidos das palavras nos livros e o porquê de elas estarem lá. Vemos isso no trecho: “Então ele começou a ler num tom de voz baixo, vacilante, que se firmava à medida que ele passava de um verso para o outro, e sua voz atravessava o deserto, para dentro da brancura e em torno das três mulheres sentadas ali no grande vazio abrasivo” (BRADBURY, 2012, p.79). Neste momento ele está lendo um poema, e, pelo trecho em destaque, vemos que o universo literário o toma para dentro dele, já que o personagem sabe como ler de forma poética, pois “sua voz atravessava o deserto”, ou seja, buscou-se os sentimentos mais profundos, nos lugares mais obscuros, o que se confirma, já que uma das mulheres, mesmo sabendo do ato errado que estava sendo praticado, insiste para que Montag faça a leitura, e, após o término da mesma, “A sra. Phelps estava chorando” (Bradbury, 2012, p.79).

Vemos a literatura surtindo seus efeitos em quem de início não a conhece ou a renega, já que:

Refletir sobre a literariedade é manter diante de nós, como recursos de análise desses discursos, práticas de leitura trazidas à luz pela literatura: a suspensão da exigência de inteligibilidade imediata, a reflexão sobre as implicações dos meios de expressão e a atenção em como o sentido se faz e o prazer se produz. (CULLER, 1997, p.47)

Nossa interpretação é algo que vai além do sentido literal das palavras, pois navegamos dentro da obra a fim de mostrar o que não é percebido por qualquer leitor, e se, como aponta Compagnon (2001, p.131), “num romance(...) a palavra parece ter uma referência”, devemos nos atentar às minúcias do não dito. E também é algo que a própria obra nos permite, já que ela vai nos mostrando o papel da literatura, agora representada por homens distantes do mundo: “Tudo o que queremos fazer é manter o conhecimento que, pensamos, precisamos manter intacto e seguro. Ainda não estamos prontos para incitar ou enfurecer ninguém” (BRADBURY, 2012, p.112) o que podemos ver, novamente, que a literatura tem muito a oferecer, pois se ela ora incita, ora enfurece, esse é realmente seu papel. Se a literatura chama atenção é porque oculta em si um poder revolucionário de se imaginar realidades alternativas e possíveis em relação ao mundo em que vivemos.

Agora, com mais ênfase, notamos trechos da obra que o narrador, através de uma fala de Faber, faz uma crítica construtiva acerca da profundidade da literatura. O narrador possibilita-nos a interpretação de que a única maneira de conhecer o mundo está no texto literário, já que este contém todo o conhecimento pensado pelos homens. Além de nos proporcionar esse entendimento, faz-nos ver que por mais que as pessoas estejam diante de todo o conhecimento, não compreenderão tudo, mas pelo menos estarão indo ao encontro dele. Podemos deduzir que a única salvação das pessoas, o único recurso e o mais fiel com que podem contar é o conhecimento proporcionado pelos livros.

As coisas que você está procurando, Montag, estão no mundo, mas a única possibilidade que o sujeito comum terá de ver noventa e nove por cento delas está num livro. Não peça garantias. E não espere ser salvo por uma coisa, uma pessoa, máquina ou biblioteca. Trate de agarrar a sua própria tábua e, se você se afogar, pelo menos morra sabendo que estava no rumo da costa. (Bradbury, 2012, p. 69)

O narrador ainda critica que as pessoas que não leem, não conseguem conhecer o mundo em que vivem, já que não possuem acesso ao conhecimento produzido e possibilitado pelos livros. É como se apenas vivessem, sem rumo e sem motivos, esperando algo que as liberte da ignorância, sem tomarem iniciativa por si mesmas.

O livro de Bradbury mostra ao leitor a riqueza do universo literário, e como há uma relação tão direta, íntima e necessária entre autor, obra e leitor. Podemos ver esta questão em alguns trechos, como na fala de Montag: “E pela primeira vez percebi que havia um homem por trás de cada um dos livros. Um homem teve de concebê-los. Um homem teve de gastar muito tempo para colocá-los no papel. E isso nunca havia me passado pela cabeça.” (BRADBURY, 2012, p. 47). Ou seja, o protagonista percebe essa relação e vê a importância de se preservar as obras literárias. Ele nota todo o trabalho que um autor tem ao criar sua obra, todo o tempo, dedicação e tudo isso, algumas vezes, nas condições mais adversas. Para além disso, percebemos, a partir dessa leitura, que todos têm o direito de terem acesso a esse tipo de arte, não podemos privá-los de um dia, quem sabe, atingirem um resquício de liberdade e ao privá-los dessas obras estaremos cometendo uma injustiça para com o próximo. O narrador denuncia que ninguém tem o direito de privar o outro do conhecimento.

Esta crítica feita pela visão do personagem relaciona-se com o que o teórico literário Culler (1999, p.41), nos diz: “a literatura é uma prática na qual os autores tentam fazer avançar ou renovar a literatura e, desse modo, é sempre implicitamente uma reflexão sobre a própria literatura.”

Vemos a preocupação de o autor, pelo narrador, demonstrar na obra o trabalho com que os escritores têm ao elaborar algo literário, toda uma estética, uma preparação para escrevê-la. Percebemos partes em que ele descreve sobre obras que são feitas sem uma estética, as que não são consideradas literárias e, portanto, não tem uma profundidade em suas abordagens com relação ao leitor e, ao mesmo tempo, fala dos bons escritores, os que se preocupam com a qualidade literária. Como por exemplo:

Os bons escritores quase sempre tocam a vida. Os medíocres apenas passam rapidamente a mão sobre ela. Os ruins a estupram e a deixam para as moscas. Entende agora por que os livros são odiados e temidos? Eles mostram os poros no rosto da vida. Os que vivem no conforto querem apenas rostos com cara de lua de cera, sem poros nem pelos, inexpressivos.  
(BRADBURY, 2012, p. 69)

Relacionando a noção que o autor vai construindo sobre a literatura, pelo narrador em *Fahrenheit 451*, notamos a relação com Sartre (2004, p.41) apontando que “A obra de arte é valor porque é apelo.”, ou seja, é um apelo à liberdade, assim como ele propõe e é o mesmo que Bradbury tenta demonstrar aos leitores: que a obra literária liberta-os, tende a mostrá-los as pequenas coisas do mundo, realmente, como vemos na obra analisada, “mostram os poros do mundo”, e assim, libertando-os. “(...) o livro não é, como ferramenta, um meio que quase vise a algum fim: ele se propõe como fim para a liberdade do leitor” (SARTRE, 2004, p.40).

Além de explicitar o porquê de a literatura ser odiada, tanto no mundo que o autor criou, o fictício, quanto no real, pelo próprio governo, percebemos uma relação intrínseca com o mundo, mostrado pela obra literária, no qual ele utiliza da verossimilhança para atribuir esses sentidos na obra. Entendemos melhor essa abordagem, pois é como Antoine Compagnon(2001, p.134), aponta que “o escritor não está nunca diante do mundo; há sempre o livro entre ele e o mundo”, desta forma, nunca mostra, nitidamente, os fatos ao mundo, já que tem o livro como intermédio.

Depois o escritor, por meio do narrador, mostra a beleza literária ao leitor, já que este tende a sair do senso comum e também o faz enxergar a importância da obra. E isto é o que exatamente Montag sente após conhecer a literatura, ou seja, a garota, que podemos deduzir ser um símbolo que representa a literatura: “ela foi a primeira pessoa, em muitos e muitos anos, de quem realmente gostei. Foi a primeira pessoa que vi olhar diretamente para mim como se eu fosse importante” (BRADBURY, 2012, p.60). Logo, ao mesmo tempo em que o narrador de *Fahrenheit* faz uma crítica, ele consegue mostrar o belo da literatura e, como Sartre descreve, o autor guia o leitor pela sua obra; logo, a obra é sempre uma leitura dirigida.

Assim, Bradbury dirige seus leitores, através do narrador, a perceberem por si só o poder da literatura, isto a partir da forma como ele a descreve sendo para ele, pois essa é a melhor forma que encontra para realizar esse feito.

“Sem dúvida, o autor o guia, mas somente isso; as balizas que colocou estão separadas por espaços vazios, é preciso ir além delas. Em resumo, a leitura é criação dirigida. De fato, por um lado o objeto literário tem outra substância a não ser a subjetividade do leitor (...)” (SARTRE, 2004, p.38). A partir do que Sartre aponta apresentando que a leitura é dirigida, reiteramos que Bradbury guia os leitores e espera que eles entendam pelo subjetivo, por sua interpretação qual a verdadeira função da obra literária. Função esta que é libertar os leitores demonstrando o valor dessas obras. Bradbury busca, através da narrativa, guiar o leitor para esse entendimento, contando com a relação recíproca que há entre leitor e autor e que é necessária na formação de uma escrita literária, ou seja, “o escritor apela à liberdade do leitor para que esta colabore na produção da sua obra.” (SARTRE, 2004, p.38).

Na obra, temos o personagem Beatty, chefe dos bombeiros, mostrando que por mais que renegue os livros, repudie-os, e queime-os com maior prazer, apresenta-se um tanto contraditório em um momento de sua fala:

— Enfim — disse Beatty —, a crise passou e está tudo bem, a ovelha voltou ao redil. Somos todos ovelhas que às vezes se extraviam. A verdade é a verdade, até o fim das contas, é o que proclamamos. Os que se acompanham de nobres pensamentos nunca estão sozinhos, bradamos para nós mesmos. “Suave alimento de uma ciência suavemente enunciada”, dizia Sir Philip Sidney. Mas, por outro lado: “Palavras são como folhas, e onde mais abundam, é raro encontrar embaixo muitos frutos da razão”. Alexander Pope. (BRADBURY, 2012, p.83)

Vemos que ele cita alguns autores literários, o que é evidente que ele já os leu. Sartre (2004, p.18), apresenta-nos que “as palavras não são, de início, objetos, mas designações de objetos. Não se trata de saber se elas agradam ou desagradam por si próprias, mas sim se indicam corretamente determinada coisa do mundo ou determinada noção.”, ou seja, numa obra literária podemos ter palavras que significam algo no mundo real ou, ao menos, dão uma noção de algo que existe; logo, ao decorrer da narrativa da obra analisada, quando temos referências dos nomes de vários autores importantes e muito conhecidos, como Shakespeare, percebemos que é essa noção que Sartre diz haver nas palavras.

Se Bradbury está procurando demonstrar o poder da literatura, não pela crítica, mas pela própria obra literária através do narrador, notamos que no decorrer de toda a narrativa ele vai lançando críticas sobre o que a literatura causa aos leitores, mas espera que isso seja

percebido pelo subjetivo deles. “— Ah, existem muitos atores que durante anos não interpretaram Pirandello ou Shaw ou Shakespeare porque as peças desses autores têm consciência demais do mundo.” (BRADBURY, 2012, p.70). Neste trecho ele aponta a profundidade de uma obra com exemplos e, com isto, torna mais claro esse poder da obra literária.

Para continuarmos a ideia, temos que situar o que é engajamento para Sartre(2004, p.17): “À medida que o prosador expõe sentimentos, ele os esclarece (...)”, assim, o prosador, isto é, o escritor, ao expor pensamentos na obra literária, ele os esclarece, como, por exemplo, pelos personagens que significarão ou representarão esse sentimento no decorrer da narrativa, mas nunca deixa de esclarecê-los. “O escritor é mediador por excelência, e o seu engajamento é a mediação.” (SARTRE, 2004, p.62); logo, notamos que o escritor faz mediação entre o leitor e o conhecimento que quer passar, e assim a forma pela qual ele transmite esse conhecimento é o engajamento.

Sem dúvida, o escritor engajado pode ser medíocre, pode ter até mesmo consciência de sê-lo, mas como não seria possível escrever sem o propósito de fazê-lo do melhor modo, a modéstia com que ele encara sua obra não deve desviá-lo da intenção de construí-la *como se* ela devesse atingir a máxima ressonância.” (SARTRE, 2004, p. 20)

Logo, um autor escreve buscando a melhor maneira de transmitir o que quer e da maneira mais clara possível, enquanto outros escritores buscam transmitir de maneira mais difícil. Tendo esta percepção, Sartre (2004, p. 20), nos diz que um escritor:

(...) é um homem que escolheu determinado modo de ação secundária, que se poderia chamar de ação por desvendamento. É legítimo, pois, propor-lhe esta segunda questão: que aspecto do mundo você quer desvendar, que mudanças quer trazer ao mundo por esse desvendamento? O criador “engajado” sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar.

Assim, o escritor age buscando desvendar a relevância do universo literário, mostrar como a literatura pode mudá-los, tirando-os do senso comum, não ficando preso ao “o que quer dizer”. Podemos comprovar isso com um trecho em que o autor, por meio da narrativa, parece explicitar que a literatura retira seus leitores do senso comum, o que os torna perigosos a um sistema alienador, pois muitas das vezes além de serem leitores, são os próprios escritores.

“Não posso falar com as paredes porque elas estão gritando para mim. Não posso falar com minha mulher; ela escuta as paredes. Eu só quero alguém para ouvir o que tenho a dizer. E talvez, se eu falar por tempo suficiente, minhas palavras façam sentido. E quero que você me ensine a entender o que leio” (BRADBURY, 2012, p. 67).

Logo, essa consciência que os leitores passam a ter sobre o mundo, é a literatura fazendo seu papel maior, dando-os liberdade. E a forma pela qual Bradbury busca demonstrar essa função da obra literária é engajando todo esse conhecimento em sua narrativa e, assim, mesmo que represente um mundo caótico, no qual ela é repudiada e proibida, ele busca dar uma leveza sobre a forma como busca referenciá-la no decorrer de todo o enredo, desde as ações da maioria dos personagens que a representem, até a forma pela qual ela é abordada.

é preciso que uma obra, por mais perversa e desesperada que seja a humanidade aí representada, tenha um ar de generosidade. Não que essa generosidade deve exprimir-se por discursos edificantes ou por personagens virtuosas: ela não deve sequer ser premeditada, e é em verdade que não se fazem bons livros com bons sentimentos. Mas ela deve constituir a própria trama do livro, o tecido com que são talhadas das pessoas e as coisas: qualquer que seja o tema, uma espécie de leveza essencial deve aparecer por toda parte, lembrando que a obra nunca é um dado natural, mas uma *exigência* e um *dom*. (SARTRE, 2004, p.50-51)

Assim, como aponta Sartre, a constituição da obra deve sempre lembrar que quem a fez, utilizou-se de um dom, e que nada é dado de graça, tudo tem o porquê e a generosidade, a suavização na forma como o autor descreve o mundo na obra é essencial para que seja possível extrairmos significados.

A partir de tudo o que abordamos, é-nos possível atribuir um sentido literário a própria personagem Clarisse, pois ela age como a própria literatura na vida de Montag. No decorrer da narrativa percebemos a função dela, assim como uma obra literária, em tirá-lo do senso comum, ao demonstrar para ele que as pequenas coisas são as mais importantes, ensinando-o a atribuir sentidos, a questionar-se, e, principalmente, a viver.

Percebemos, também, que o contato de Montag com Faber, por exemplo, é o que nós leitores devemos ter com a literatura: ir atrás de entender as coisas que são ditas pela obra literária, percebermos que nem tudo o que parece é realmente, já que devemos nos instigar pelo dito, e, claramente, pelo não dito. Assim, já que devemos nos instigar, não podemos ser alienados ao comum, ao que os outros falam, e isto vemos pelo contato de Montag com seu chefe, Beatty, pois ele instigou-se à literatura graças, também, ao comandante que o proibiu, por estar tão alienado ao governo, de ter um contato com obras literárias.

Utilizamos-nos dos teóricos citados no início do trabalho para podermos demonstrar como o autor consegue abordar em sua obra, por meio de recursos estilísticos, o que eles já discutem em suas críticas, mas de maneira menos metódica e mais simples para o leitor.

É-nos nítido a sua preocupação em utilizar da própria literatura para poder mostrar ao leitor, de forma mais suave e poética, a profundidade da literatura, sua importância, o motivo de ser ignorada pelo governo e a forma pela qual ela própria funciona. Que ela é como pequenas fragmentações do mundo e que no todo apresenta algo que trate do universal. Ele opta por tratar dela de forma mais prazerosa para os leitores, sua função e por meio da própria obra, consegue tornar mais fácil esse conhecimento.

Apresenta-nos que somos pequenas bibliotecas e que temos em nossa memória um pouco de todo conhecimento já produzido por outros autores, o que podemos ver isso ao final da obra analisada, quando Montag conhece homens isolados do mundo, dotados de muito conhecimento literário e que o faz se sentir à vontade. Logo, temos aí a literatura nos constituindo como seres humanos que vão tomando consciência, pouco a pouco, do que é o mundo, do que é viver. Assim, o autor parte duma distopia, dum mundo distante, distorcido, para poder tratar da literatura por ela própria.

Com isto vemos que Ray Bradbury subverte toda nossa realidade para poder demonstrar o real valor da literatura em qualquer sociedade que se encontre sendo reprimida. Ao menos ele pretende deixar claro para as pessoas que as obras literárias libertam-nas, mostram-nas o que ocorre em sua volta, dá oportunidade de conseguirem pensar sobre o que acontece, o que dizem, o que fazem e não apenas receberem toda informação como a certa e verdadeira.

A partir de todo esse trajeto que traçamos, notamos que, ao decorrer da narrativa, todos os encontros e desencontros dos quais Montag, protagonista da obra, sofre são de fundamental importância para que o narrador pudesse ir traçando toda uma mudança que o herói sofre, tudo influenciado, principalmente, pela literatura. Seus diálogos com os mais diversos personagens secundários, vão dando ao leitor, progressivamente, noção de como a literatura forma-o, a maneira como ela é importante para toda uma sociedade e como ela dá clareza aos seus leitores de coisas tão importantes que, na maioria das vezes, são ocultas pelo relações pessoais e pelo próprio governo.

## Referências Bibliográficas

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Utopia, distopia e história**. In: Editorial da MORUS – Utopia e Renascimento 2, 2005, p. 4-10.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. 2ª edição. Tradução: Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2012.

COMPAGNON, Antoine. **O mundo**. In: O demônio da teoria: Literatura e senso comum. 2ª edição. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: editora UFMG, 2001.

CULLER, Jonathan. **O que é Literatura e tem ela importância?**. In: Teoria literária: uma introdução. Tradução: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca produções culturais Ltda, 1999

DELEUZE, Gilles. **A literatura e a vida**. In: Crítica e clínica. Tradução: Peter Pál Perbart. São Paulo: editora 34, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** 3ª edição. Tradução: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004

